

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT08.004

## AQUISIÇÃO DA ESCRITA: UMA ABORDAGEM À LUZ DO USO DOS PRONOMES CLÍTICOS

Quezia Souza Carneiro<sup>1</sup>

### RESUMO

A aquisição da escrita acontece por meio de processos distintos da aquisição da linguagem oral. Buscando entender como a criança falante da língua portuguesa adquire a gramática da escrita, cujas regras distanciam-se da gramática da fala, pretendemos investigar uma área da sintaxe em particular, restrita à gramática dos letrados: os pronomes clíticos. Serão analisados textos escolares de crianças da faixa etária entre 6 e 12 anos, da 1<sup>a</sup>, 2<sup>a</sup>, 3<sup>a</sup> e 4<sup>a</sup> séries, buscando identificar em quais momentos empregam tais recursos sintáticos em suas produções. E mais além, quando os usam, em qual colocação o fazem – proclítica ou enclítica? Em produções nas quais não são encontrados os clíticos, quais estratégias os pequenos autores utilizam para preenchimento dessa categoria sintática? Esses são os questionamentos que nortearão esse trabalho de pesquisa, buscando preencher algumas lacunas numa área da aquisição da escrita ainda tão obscura.

**Palavras-Chave:** Aquisição da escrita, Sintaxe, Uso e Ordem dos clíticos.

---

1 Mestre em Letras pela Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS. queo.carneiro@gmail.com

## 1 INTRODUÇÃO

Durante muito tempo, linguistas, psicolinguistas, psicólogos, neuro-linguista e outros cientistas empenharam-se na árdua tarefa de entender como se dá a aquisição da linguagem na criança. Como, de maneira tão rápida, domina as regras da sua língua materna? Quais as explicações para essa conquista fascinante da linguagem na experiência humana? Diversas correntes teóricas buscaram – e ainda hoje buscam – respostas a essas inquietações, mas uma teoria em especial adentrou em um terreno pouco conhecido: o cérebro humano. A teoria gerativa de Noam Chomsky, ao explicar o processo pelo qual passa o ser humano ao adquirir a linguagem, adotou uma postura “inatista” na explicação. Para ele, essa é uma dotação genética, uma condição inata inscrita na mente do homem.

O problema é que esse interesse científico fixou-se, prioritariamente, em algumas áreas da aquisição da linguagem - aquisição da língua materna, aquisição da escrita e aquisição de segunda língua – e subáreas, deixando à margem dos estudos um enfoque da aquisição da escrita, também passível – e necessitada - de reflexão. Inúmeros são os estudos sobre letramento, processos de alfabetização e relação entre fala e escrita dentro dessa pesquisa, mas a análise da aquisição escrita com uma abordagem sintática parece despertar pouca ou nenhuma atenção por parte dos lingüistas. Assim surgiu o meu interesse por esse estudo: unir minhas afinidades com a sintaxe do português às lacunas ainda não preenchidas no que diz respeito à aprendizagem dos elementos sintáticos da escrita padrão.

Tomando como referência a teoria gerativa, pretendo, neste artigo, estabelecer uma comparação entre o processo de aquisição da linguagem e o processo de aquisição da escrita, formulando as seguintes questões:

- a. Nos textos do *corpus* analisado, as crianças fazem uso dos pronomes clíticos? A partir de que série / idade?

- b. Quando não há o emprego do pronome átono acusativo / dativo, quais as estratégias linguísticas utilizadas pelas crianças para preencher essas posições sintáticas?
- c. Nos textos em que aparecem os clíticos, qual a ordem desses pronomes: pré-verbal (próclise) ou pós-verbal (ênclise)?

Com relação ao primeiro questionamento, considerarei a hipótese de que os textos dos alunos das 1ª e 2ª séries do Ensino Fundamental farão pouco uso de clíticos, já que essas são construções sintáticas mais formais, adquiridas em contextos escolares de aprendizagem da escrita padrão. À medida que os pequenos aprendizes se inserem no mundo da leitura, algumas estruturas linguísticas mais bem elaboradas são introduzidas no repertório infantil. Nesses contextos formais de ensino-aprendizagem, recebem um *input* da escrita – “*output*”, o qual Scarpa (2001, p. 208) define como “um sistema de regras para a linguagem do adulto”<sup>2</sup>.

Quanto à problemática descrita em (b), partirei do pressuposto que, mesmo sem o domínio da sintaxe dos clíticos, os iniciantes produtores textuais preencherão tais posições empregando estratégias bastante utilizadas nas variantes informais, menos prestigiadas: uso das formas pronominais de caso reto, os chamados pronomes-sujeito, nos espaços destinados aos pronomes átonos acusativos ou dativos; emprego de sintagmas nominais ou a repetição dos mesmos itens lexicais no lugar dos clíticos; e a elipse dessa função sintática, empregando o objeto nulo. (cf. Nunes, 1993).

E por fim, partindo do questionamento (c), assumirei a posição de que as crianças adotarão a posição proclítica, preferencialmente – se não exclusivamente – uma vez que as sentenças ouvidas que lhes servem de *input* seguirão essa mesma opção. É possível que haja alguns casos de ênclise no *corpus* em textos cujo autor tenha tido contato frequente com a escrita padrão culta através da leitura de fábulas, contos de fadas, histórias bíblicas ou outros textos formais.

2 SCARPA, 2001., p. 208A

## 2 METODOLOGIA

A fim de dar respostas aos meus questionamentos, utilizei um *corpus* constituído de textos escritos, produzidos em contextos escolares, por alunos de classe socioeconômica média de uma escola da rede particular da cidade de Feira de Santana. Os estudantes pertencem às séries iniciais do Ensino Fundamental I – 1ª, 2ª, 3ª e 4ª e têm idades entre 6 e 12 anos. Os dados desse *corpus* – o qual é composto de cinquenta e cinco textos com um total de trinta ocorrências de pronomes clíticos – deram subsídios para entender a dinâmica aprendizagem da escrita, enfocando um elemento sintático da língua portuguesa – o pronome clítico.

Através de um estudo transversal – o qual “baseia-se no registro de um número relativamente grande de sujeitos, muitas vezes classificados por faixas etárias”<sup>3</sup>, adotei o método hipotético-dedutivo na busca de provas para confirmar ou refutar as minhas hipóteses supostas *a priori*, usando dados quantitativos

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

### 3.1 OS PRONOMES CLÍTICOS SEGUNDO A GRAMÁTICA PRESCRITIVA

Os pronomes clíticos são formas pronominais átonas que aparecem como complemento acusativo (objeto direto – a, o, as, os, me, te, nos, vos), dativo (objeto indireto – lhe, lhes, me, te, nos, vos) ou reflexivo (se). É característica desse tipo de pronome a possibilidade de “flutuar” em diferentes posições em torno do verbo, podendo anteceder-lo – próclise – ou sucedê-lo – ênclise:

1. Eugênio *me* falou de você. Eugênio falou-*me* de você.

---

3 Segundo Scarpa (2001, p. 204)

Em uma variante histórica, poderia, ainda, o pronome estar intercalado entre seus elementos mórficos (radical e desinências) – empregando, assim, a mesóclise:

2. Falar-te-ia sobre você se soubesse de algo.

No que tange à colocação desses pronomes na sentença, as diversas gramáticas prescritivas tradicionais propõem a ênclise como regra geral, “pois obedece à sequência verbo-complemento” (Infante, 2001 p. 591), com exceção dos casos em que ocorrem os chamados atratores de próclise, os quais movem os pronomes átonos para a posição pré-verbal. Esses fatores de próclise determinam a posição pré-verbal obrigatória.

Alguns autores divergem na relação desses casos de próclise obrigatória. Na verdade, esses contextos não são bem definidos nas gramáticas prescritivas, em geral. Ferreira (2003, p. 605) explica que esses fatores são os casos de presença de palavras negativas, de advérbios, de pronomes relativos, indefinidos ou de conjunções subordinativas antes do verbo, ou ainda em casos de orações exclamativas e interrogativas. Já Pereira e Pelachin (2004, p. 405) consideram como fatores de próclise: a existência de palavras atrativas como os advérbios (sem vírgula que o separe do verbo), conjunção subordinativa, pronomes relativos, indefinidos, demonstrativos e pessoais (antecedido por outro fator de próclise); e as construções com frases optativas (“Deus as proteja!”), interrogativas e em orações com a estrutura: preposição em + gerúndio (Em se tratando de...).

Apesar de existirem divergências e contradições entre esses estudiosos, há uma regra comum a todas as gramáticas tradicionais pesquisadas: consiste na não possibilidade de colocação do clítico em posição pré-verbal em início absoluto de oração. Mas, mesmo em contextos de próclise em início de oração absoluta, condenados pela gramática tradicional, alguns autores modernos já mencionam o uso corriqueiro pelo falante do português brasileiro (PB, daqui em diante). “No início de frase, a próclise

é típica da língua coloquial brasileira e é usada na escrita quando se pretende reproduzir a língua falada.” (Infante, 2001, p.592).

No que se refere à mesóclise, mesmo tendo caído em desuso no PB, continua sendo recomendada nas gramáticas tradicionais, em casos de verbos no futuro do presente e do pretérito do modo indicativo, mas há alguns autores que já mencionam essa queda, como Infante (2001, p. 591): “forma completamente desusada na língua coloquial do Brasil.”.

### 3.2 OS CLÍTICOS EM UMA ABORDAGEM SOCIOLINGUÍSTICA

Apesar dos discursos dos gramáticos tradicionais e normativos em defesa da ênclise como regra geral da colocação dos pronomes átonos, com algumas restrições já explicitadas, pesquisas sociolinguísticas já apontam a preferência brasileira pelo uso da próclise, inclusive em contextos terminantemente proibidos pelos conservadores da língua portuguesa “padrão”. Na pesquisa de Vieira (2002)<sup>4</sup>, por exemplo, ficou nítida a opção do brasileiro pela próclise. No total do *corpus* dessa pesquisa, houve 89% de próclise e apenas 11% de ênclise.

O que se pode perceber é que a ênclise, de modo geral, não faz parte da nossa língua-l. Antes de ser inserido no processo de aprendizagem formal, a criança brasileira não emprega nem os pronomes átonos de 3ª pessoa - o, a, os, as - nem a posição pós-verbal - ênclise -, pois adquiriu somente a próclise no processo de aquisição da sua língua materna. É na escola, quando passa a ter acesso à variante padrão da língua, que a ênclise aparece. Mas, devido a deficiências no ensino ou até mesmo por questões de preferências estilísticas, o brasileiro ainda opta pela posição pré-verbal do clítico.

De fato, vários estudos em aquisição da linguagem demonstram que, tanto os clíticos acusativos e dativos de 3ª pessoa, quanto a ênclise, são adquiridos no processo de educação

4 Apud Vieira (2007, p. 122)

formal, e não durante a fase de aquisição da língua materna. (Morais e Ribeiro, 2005. p. 5)

### 3.3 UM BREVE ESTUDO DIACRÔNICO ACERCA DA POSIÇÃO DOS CLÍTICOS NO BRASIL

Analisando a característica variante da colocação dos pronomes clíticos, vê-se que a ordem que esses pronomes ocupam na frase se modificou muito no decorrer do tempo. Em pesquisa sobre a posição dos clíticos, Pagotto & Duarte (2004, p. 01) assumem o caráter instável desses pronomes e afirmam que “a posição que os clíticos têm podido ocupar na frase tem oscilado muito, o que levou Mattos e Silva, com muita propriedade, a chamar de dança a história dessas possibilidades”.

Pagotto (1999) investigou a posição dos clíticos a partir do século XVI e chegou à conclusão de que a próclise permaneceu bastante consistente do século XVI ao XVIII. Do século XVIII em diante, cresce o percentual de ênclise. Em uma outra abordagem diacrônica, Galves (2007), através dos estudos sobre a periodização do Português, busca dados mais remotos. Partindo do século XIII, baseia-se nos estudos de Martins<sup>5</sup> (1994), demonstrando que, nos textos desse século, a ênclise é largamente dominante. Daí em diante, vai decrescendo até desaparecer por completo nos textos do século XVI. Porém, a história da colocação dos clíticos, depois do século XVI, vai ao sentido oposto à evolução anterior, ou seja, volta para a ênclise, aumentando gradativamente até chegar ao ápice no século XX, atingindo novamente a dominância.

Em estudo da língua em tempos mais remotos, Mattos e Silva (2001), investigando a posição do complemento átono no português arcaico, identifica alguns fatos sintáticos que determinam a posição dos clíticos nos “Diálogos de S. Gregório” (texto do século XIV). A próclise é usada nas subordinadas; em frases negativas subordinadas, principais ou coordenadas ocorre próclise também. Pode ocorrer próclise ou ênclise, variando,

5 Apud Galves (2006, p. 5)

se o verbo não estiver em posição inicial <O seu homen *lhi* disse / Naturalmente leixou-se sô si>; mas, se o verbo estiver em posição inicial (absoluta ou não), é constante a ênclise <Ide-vos a boa ventura>. Nas frases coordenadas, a autora percebe que há predomínio de ênclise. Nas frases reduzidas de gerúndio, a ênclise é constante <E leixando-a sobrela mesa>. Nas reduzidas de infinitivo, precedidas de preposição, ocorre a ênclise e próclise, variando. Quando o infinitivo segue outro verbo, o pronome fica proclítico ou enclítico ao primeiro verbo, tanto em orações subordinadas, negativas, principais e coordenadas. Quanto às sequências verbais formadas pelos verbos andar, ir, ser ou estar antecedendo o gerúndio, o pronome não encosta na forma nominal. Quanto à mesóclise, afirma a autora que o texto “Diálogos de S. Gregório” apresenta baixa frequência dessa posição. Nesses tempos, com orações subordinadas, ocorre a próclise <Aquelas que se faran>; nas principais, com verbo na posição inicial absoluta, ocorre a mesóclise ou a ênclise <Direi-te os nomes > . Assim, a colocação prefere variar a seguir uma regra de colocação categórica.

Diante dos resultados de pesquisas de linguistas brasileiros, percebe-se o início de uma nova evolução da língua, começando com a variação dos parâmetros fixados na língua portuguesa até chegar, provavelmente, à conclusão do processo de mudança paramétrica. Os estudos de Pagotto (1993, p. 201), por exemplo, já apontam para mudanças paramétricas dos pronomes clíticos - em contexto de grupos verbais - os quais perderam a força de movimento, fixando-se na posição pré-verbal ao V2. Outra questão defendida pelo autor, em consonância com outros linguistas, é a perda do pronome clítico acusativo de 3ª pessoa (o, os, a, as). Os pronomes átonos que restaram foram os neutros, quanto à concordância - lhe, me, te, se.

### 3.4 ABORDAGEM GERATIVA SOBRE A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

Segundo a teoria gerativa, por volta dos três anos, a criança já é capaz de fazer uso produtivo de sua língua materna, pois já possui uma gramá-

tica nuclear bem definida. A partir de dados linguísticos primários – fala precária, fragmentada – ela elabora hipóteses e domina as regras e princípios básicos da língua em um tempo muito curto. Scarpa (2001) relaciona algumas abordagens teóricas sobre aquisição da linguagem e, entre elas, a teoria gerativa. Conforme a autora, na teoria chomskyana,

a linguagem, específica da espécie, dotação genética (...) seria adquirida como resultado do desencadear de um dispositivo inato, inscrito na mente. (...) esse mecanismo inato faz ‘desabrochar’ o que ‘já estava lá’, através da projeção, nos dados do ambiente, de um conhecimento linguístico prévio, sintático por natureza. <sup>1</sup> (Scarpa, 2001, p. 206 - 207)

A criança nasce, assim, pré-programada com uma “Gramática Universal” GU, dotada de “princípios” universais e um conjunto de “parâmetros”, que serão fixados conforme o *input* recebido pela criança. Ao entrarem em contato com a língua materna, os pequenos marcam os seus valores paramétricos (+) / (-), constituindo a sua gramática nuclear.

Mas a língua do indivíduo também é dotada de outros fenômenos variáveis, com a “periferia” marcada, a qual “abriga fenômenos de empréstimos, resíduos de mudança, invenções, de forma que indivíduos da mesma comunidade podem ou não apresentar esses fenômenos de forma marginal.” Kato (1998, p. 3) A partir daí, somando a gramática nuclear e a periferia marcada, temos a “Língua I”. A Língua-I é, assim, constituída de invariantes, comuns às línguas naturais - “Princípios” - e de variantes linguísticas - “Parâmetros” marcados com o sinal (+) ou (-).

Chomsky (0981, 1986) contrapõe o conceito de *Língua-I* ao de *Língua-E*. A Língua-I é definida como interna (representação mental), intensional e individual. Ao objeto de estudo que se contrapõe ao seu, Chomsky chama de Língua-E (Externa, Extensional)”. (Kato,1998, p 3)

A gerativa assume, então, que cada criança terá suas idiossincrasias linguísticas devido ao seu conhecimento periférico. Essa seria a explicação para a existência de situações em que um pequeno falante do PB, cujo parâmetro da ordem dos clíticos é marcado como (+) proclítico, usa

a ênclise em seus contextos de escrita. Kato (1998, p. 2) defende que há a possibilidade de alguns “valores paramétricos opostos aos da gramática nuclear estarem presentes na periferia marcada da Língua-I, assumindo valor competitivo, principalmente no processo de escolarização.”

### 3.5 PRONOMES CLÍTICOS VS AQUISIÇÃO APRENDIZAGEM DA ESCRITA

Por que investigar a aquisição da escrita por meio da análise do uso dos clíticos? A resposta é dada por Pagotto (1993, p. 202): “lidar com mudança na posição dos clíticos é estar lidando com profundas alterações *nas regras da gramática de uma língua como um todo*”. No português brasileiro, há muito tempo, tem-se pesquisado as questões gramaticais por meio da análise da ordem entre o verbo e os pronomes átonos acusativo / dativo. Esse estudo constitui um índice que reforça a variação entre o português europeu (PE, daqui adiante) e o PB, podendo ser também produtivo na análise da variação entre a gramática oral e a escrita no processo de aquisição / aprendizagem de ambas, mais enfaticamente nesse estudo, a última.

Já que é inviável esmiuçar o processo de aquisição da linguagem humana partindo de um exame cientificamente biológico do cérebro, a fim de entender como os indivíduos adquirem sua língua materna, o cientista da língua usa o que lhe é palpável: a língua E – exteriorizada, já realizada por meio da fala ou escrita. E dentro das sentenças dessa língua, cabe ao investigador delimitar uma categoria sintática cuja análise esclareça as dúvidas acerca do caráter universal (princípios) e variável (parâmetros) das línguas.

### 3.6 ANÁLISE DOS RESULTADOS

É ideia linguista corrente que, no (PB), há um nítido distanciamento entre a gramática da língua falada e a gramática da língua escrita. Essa distância é tão visível que, para a criança que inicia o seu processo de escolarização, o acesso à escrita

se assemelha ao aprendizado de uma segunda língua (Kato, 1998 p. 1)

Conforme já explicitado na introdução desse artigo, o *corpus* foi constituído de textos escolares das turmas de 1ª, 2ª, 3ª e 4ª série. Os textos da turma da 1ª série aos quais tive acesso foram produzidos em forma de livreto. A professora fez a proposta de um “Juniário”, que, segundo ela, seria uma coletânea de produções relacionadas a esse mês. Havia músicas, receitas, parlendas, listas de compras, desenhos, reescritas de histórias infantis, entre outros. Movidos pela liberdade na criação de suas produções, as crianças sentiram-se motivadas.

Variados gêneros textuais fizeram parte dos livrinhos dos alunos e, em alguns deles, havia narrações bem interessantes, confirmando a hipótese de Barros (2003, p. 39) em seus estudos sobre a aquisição da escrita. A autora constatou que, em turmas cujas professoras imprimem “orientações diferentes às atividades, propiciando situações dinâmicas e criativas aos educando, através de trabalhos que não são presos ao contexto escolar”, as crianças “livram-se das amarras da produção escrita com o formato escolar”, com tema e número de linhas pré-definidos.

O texto de J. V. S. relata uma nova sequência à história dos Três Porquinhos e nele encontramos a sentença:

1. primeiro u lobo sopro a casa do porquinho e o lobo foi pra casa de palha u porquinho fesu uma oferata **para ulobo...**

Apesar dos erros ortográficos, percebe-se uma sequência lógica na narrativa. Quanto aos aspectos sintáticos, vê-se que J.V.S. dá preferência pela repetição de item lexical em vez do emprego do pronome clítico dativo.

No texto de J. P. P., aparentemente uma reescrita do texto “Pegadas na areia”, de cunho religioso, aparece outro recurso sintático: o emprego de pronomes lexicais retos na função de pronome átomo acusativo, conforme a sentença (2):

2. Era Jesus carregando **ele**.

N. N., da mesma forma que J. P. P., utiliza os pronomes lexicais como pronomes objeto acusativo, repetindo-o em toda a extensão da narrativa, até mesmo em outros contextos sintáticos como o de sujeito preenchido. Ele /ela são repetidos inúmeras vezes, sem haver a constatação de nenhum pronome clítico em todo o texto.

3. Um dia a sua mãe mandou **ela** levar uma sesta de doses... sua mãe mandou **ela** não conversa com estranhos e ela foi andando ai ela de de cara com o lobo ai ele falou o que tem ai dentro ela falou ta cheio de doses para a minha vor porque ela está doente.

Embora K. N. produza um texto muito criativo, sua produção vem comprovar que, na série que inicia o período do Ensino Fundamental I, as crianças, mesmo criando textos longos, não fazem ainda o uso dos clíticos. Transcrevi abaixo o texto “O Dragão” a fim de demonstrar a repetição dos itens lexicais sem a ocorrência de nenhum pronome átono nem pessoal com função de dativo / acusativo.

4. O **Dragão** vivia em uma cidade dos **Dragons** era uma cidade que tinha um **Dragão** e ele gostava de come a **pesoa** ae um dia um **Dração** viajom para uma cidade nova então ele comeu **todo** e ajon gostoso e ele ficou muito tempo então ele ficou fraco e morrei e **todo mundo** festejo certo dia nadem outro Dragão e **todos** vira e pararam de festeja e fugiram o masimo posivel e o **Dragão** coseguiu cemo **todos** eles esse **Dragão** era guloso e ficam então com tanta fome e então o outro **Draga** moreu e nadem outro **Dragão** e os **Dragons** morem nascem mais **todos** lutarm para te a sua cidade devolta.

Portanto, conforme havia previsto, não houve nenhuma ocorrência de pronome átono nos vinte e dois livretos dos alunos da 1ª série do ensino fundamental. É importante salientar que nem todas as crianças produziram narrativas. Pelo contrário, em apenas 10 livrinhos havia histórias, nas quais poderia constar o recurso sintático pesquisado nesse artigo. E, nos textos encontrados no *corpus*, os pequenos empregaram as estratégias

de repetição lexical ou substituição do pronome oblíquo átono pelo pessoal reto com função de objeto.

Nas produções das crianças da 2ª série, quase não houve ocorrências de pronomes clíticos. Em apenas um texto, foram detectados dois casos de pronome átono reflexivo:

5. Eles **si** divertiram muito. (...) Quando todos chegaram em casa **si** lembraram do paraíso. (A. V.)

Nas duas sentenças acima, o pronome clítico foi empregado na ordem pré-verbal, confirmando as minhas hipóteses. Essa é a posição preferida – se não exclusiva – do falante brasileiro, sendo a ênclise usada apenas em contexto de escrita quando é usado o PE. Além disso, houve um erro ortográfico no uso do “si” em vez do “se”. Talvez, se estivéssemos tratando de um escritor mais experiente com a escrita, poderíamos pensar em uma troca do pronome oblíquo átono “se” pelo tônico “si”, mas nessa faixa etária, é pouco provável esse tipo de reflexão linguística.

É verdade que crianças nessa fase ainda apresentam pouco domínio das regras da gramática da escrita, mas, através do corpus analisado, não é possível fazer comprovações nesse sentido, visto que a atividade de produção partiu de uma imagem descontextualizada: A cena retratava uma praça com árvores, jardins e uma fonte, onde havia crianças brincando de futebol e comprando balões de aniversário, além de casais e senhoras conversando. Provavelmente, sem outras referências de textos orais ou escritos com os quais fizessem uma intertextualidade – supondo que não tenha acontecido uma discussão acerca de possíveis narrativas a partir daquele cenário – tornou-se inviável para os pequenos produzirem textos coerentes e sequenciais.

O que houve, na maioria dos casos, foi apenas uma descrição do que era visto. O próprio comando da atividade de produção já deixa clara a falta de orientação quanto à tipologia ou ao gênero de texto a seguir: “Redação: Escreva uma história sobre a cena abaixo.” Abaixo, transcrevo literalmente uma das produções do aluno (D. O.)

6. Era uma vez um dia lindo que todas as pessoas foram para a praça as crianças brincado as velhinhas conversando. Duas crianças estavam comprando bolas de encher e as outras duas brincando de jogar bola na praça e um casal converçando. Já estava perto de dar meio dia e as crianças ainda esta brincando e chegou a hora de todas as pessoas irem pra casa. Todas as pessoas foram pra casa para comer.

Outra observação importante é que, em todos os textos dessa série, percebi manchas como se fossem marcas de borracha. Ao que parece, a professora fez uma correção ortográfica antes de me entregar as produções dos seus alunos, uma vez que encontrei poucas ocorrências desse tipo de erro.

Em outra produção foi encontrado um recurso empregado para substituir os pronomes átonos acusativos / dativos: a repetição de SN – sintagma nominal:

7. ...e foi chamar os **amigos** pra bincar no parque novo, então ele avisou aos **amigos**... (A. C.)

Por outro lado, os textos produzidos pelos alunos da 3ª série foram ricos em recursos linguísticos e estilísticos, bem como em criatividade e imaginação nas histórias narradas. Analisando essas características, pode-se deduzir que a professora dessa turma utilizou estratégias de produção textual mais eficazes que as da segunda série, proporcionando a liberdade de expressão das crianças. Barros (2003, p. 67) salienta a “importância da mediação do professor” e constata que “quando a criança é convidada a escolher sua forma, voz e audiência, bem como seu tema, a escrita torna-se um projeto pessoal”

Foram encontradas 17 ocorrências de pronomes clíticos no corpus da 3ª série. Em todas as sentenças, a ordem escolhida pelos pequenos autores foi a proclítica. Outro fator importante a ser salientado é a existência apenas dos pronomes “me”, “te” e “se”, revelando 11 ser real a perda pronominal do clítico acusativo de 3ª pessoa (o, os, a, as), já apontado por Pagotto (1993, p. 201), restando apenas os neutros, quanto à concordância – lhe, me, te, se.

8. ...quando voltou **se** bateu com o coelho... (G.S.)
9. O patinho feio **se** setia muito triste ... (G.S.)
10. ele **se** bateu com um amigo. (...) eles se gostavam” (H.S.)
11. Macaco **me** perdoa por ter pegado a sua banana. (J. C.)
12. deus que **milivre miguarde** ( J. C.)
13. os animais **se** acordaram. (G. B.)
14. ... ele **se** arrumou e foi. (G. B)
15. ...eu vou **te** contar tudo. (I. A.)
16. Querida mamãe, eu **te** amo. (G.S. )
17. -Essa é a sua terceira casa que você já vai **se** muda! (G.S.)
18. É eu já vou **me** mudar... (G.S.)
19. ...tinha **se** passado 20 horas. ( J. V. N.)
20. elas **se** conheceram no campo ( L. V. )
21. ...e os animais **se** dividiram... ( L. F.)
22. ...as nuvens deenharam um relógio lindo de **si** ver. ( T. N. )

O mesmo caso de variação do “se” / “si” ocorre também em um dos textos dessa série (T. N.). Mas um caso interessante é o do aluno (J. C.), o qual apresenta ainda a escrita em grupo “**milivre miguarde**”, revelando conhecer o chavão apenas em sua forma oral. Ele emprega o clítico sem perceber que o faz, pensando se tratar de uma só palavra.

Em outros contextos em que os pronomes clíticos não aparecem, os alunos utilizam estratégias, relacionadas a seguir, das quais os falantes do PB já fazem uso em sua linguagem coloquial. Algumas delas são mais estigmatizadas que outras; o emprego do objeto nulo, ao contrário, demonstra ser uma maneira de eliminar o clítico de forma criativa sem causar preconceito linguístico.

23. Quando chegou lá o mestre da reunião disse Ø: - Você chegou atrasado (B.C.)
24. E o gavião perguntou Ø: - Você é louco? (V. H.)
25. E o cachorro Rex respondeu Ø: - Não. Eu só queria voar. (V. H.)
26. O coelho disse Ø: - Vamos brinca de pular (G.S.)
27. O pássaro disse Ø: - Mas nós não sabemos pular. (G.S.)
28. Chilly apareceu arrependido pedindo perdão e Billy perdeu Ø e eles ficaram sendo melhores amigos. (G. B.)



Quanto à repetição de item lexical, percebe-se a peculiaridade de uma forma de linguagem bem infantil e primária, revelando a falta de domínio de outros recursos sintáticos mais apropriados. No entanto, é uma forma bastante empregada nos textos de crianças nas séries iniciais, quando ainda receberam um pequeno *input* de língua escrita padrão.

29. o **relógio** estava em tic, tac, trum, ele desligou o **relógio** e dormiu... (V.H.)
30. - Que ótima **ideia**, eu adorei a sua **ideia** Coelho! (B.C.)
31. ele encontrou uma **cadela** quando ele perguntou a **cadela** ... (W. S)
32. ele viu um **ovo da páscoa**. em quanto ele levava o **ovo da páscoa** ele achou outro presente. (G.S.)

Outra estratégia vítima de preconceito é a substituição do pronome oblíquo átono pelo tônico. Nesse caso, observamos a influencia da oralidade na escrita. Quando pequenas, as crianças escrevem ainda muito presas às formas da língua falada; a nasalização, portanto, que é usada na fala repete-se na escrita, sem nenhuma relação entre as especificações sintáticas entre “mim” e “me”. Nesse contexto seria um erro ortográfico e não sintático, conforme se vê na sentença de V. F., exemplo (30).

33. e ele **mim** perdeu... (V. F. )

Houve também “a substituição do pronome oblíquo átono pelo pronome pessoal”, estratégia amplamente empregada pelos falantes do PB atual e já detectada por Cyrino (1993, p.166), exemplificada em (34) e (35). Em seu estudo diacrônico prévio, foram atestadas as seguintes mudanças: “o PB perdeu os clíticos de 3ª pessoa ao longo do século XIX, introduzindo o objeto nulo referencial e introduziu a forma pronominal de caso reto como acusativo.”

Morais e Ribeiro (2005, p. 7), no que se refere à colocação dos clíticos no PB, defendem que a perda dos clíticos – além da ordem proclítica mesmo em contextos fora do padrão do PB culto – “está intimamente relacionada às mudanças que se observam no uso dos pronomes pessoais.” Assim, um importante aspecto do PB falado é a ausência dos objetos

clíticos de 3ª pessoa, que foi decorrência da perda de outros pronomes pessoais no sistema pronominal do português europeu, os quais já não fazem mais parte do português brasileiro.

34. – Bernardo espera **nos** (nós)<sup>6</sup> dois na janela. (G.S.)
35. ... porque ninguém achava **ele** bonito e chamava **ele** de patinho feio... (G.S.)

Comparando o total de textos da 3ª e da 4ª séries, percebemos um acentuado aumento das ocorrências dos pronomes clíticos. Enquanto nas produções textuais da 3ª foram encontrados 20 casos de pronomes átonos – me, te e se – nas da 4ª esse número sobe para 15 em apenas 8 textos. É visível a apropriação desse recurso sintático pelos alunos na última série do Ensino Fundamental I.

As sentenças entre (36) e (48) dão conta do uso dos clíticos em textos do *corpus* analisado. Do total de 15 ocorrências, o pronome aparece em posição proclítica em 11, reafirmando a preferência do falante do PB. Nas sentenças cujo pronome átono está enclítico, percebe-se a influência do autor do texto. R.F. não faz parte da turma analisada, porém, suas produções foram cedidas a mim pela sua mãe, uma colega de curso. Poderíamos deduzir que R.F. é uma leitora assídua, já que sua escrita revela idiossincrasias tanto no que diz respeito ao conteúdo quanto à forma linguística adotada, além de empregar construções do português padrão, reforçando o modelo de texto escolar pedido pela professora.

36. ...estava eu, Tate e Tio Juscelino na frente da igreja arrumando os tapetes de areia, **me** deu uma vontade de chupar doce..." (R. F. )
37. Ô tio **me** dá trinta centavos!" (R.F.)
38. ...e ninguém mais vai **me** birraçar de tampinha, é um apelido que eu odeio mesmo quando alguém **me** chama eu fico com ódio..." (R.F.) (diário)
39. eu tento falar com a minha pró só que ela nunca **me** dá ouvidos... (R.F.)
40. ...amanhã **te** falo a fantasia que vou usar... (R.F.) (diário)

6 O termo entre parênteses foi introduzido por mim a fim de especificá-lo como pronome pessoal, cujo acento havia sido suprimido pela criança.

41. bem minha mãe já ta **me** chamando para dormir... (R.F.)  
(diário)
42. ... para transforma-**la** em borboleta. (R.F.)
43. Existem dois tipos de dengue, a clássica e a hemorrágica.  
(...) Já na clássica encontra-**se** dores de cabeça... E na  
hemorrágica, que é mais grave, encontra-**se** hemorragias  
generalizadas na boca... (R.F.)
44. Para evitar ser picado devemos tomar providencias como:  
manter os pneus velhos em locais cobertos ou fure-**os**....  
(R.F.)
45. ...então ele **se** assustou. ( S. S.)
46. Roberto **lhe** disse... ( S. S.)
47. O público **se** espantou... ( I.S.)
48. O mágico irá **se** apresentar. ( I.S.)

Em (42), R. demonstra apropriar-se de uma linguagem própria de textos formais como contos de fadas, fábulas ou outras histórias infantis. Essa hipótese existe, pois o pronome clítico de 3ª pessoa, conforme estudos de Cyrino (1993, p. 165), já foi extinto do PB, ficando restrito ao modelo do PE copiado pela gramática padrão do PB.

Barros (2003, p. 62-63) afirma que, em algumas situações, e talvez no caso de R.F., o que a criança “produz na escola não são os seus textos”. “A criança está apenas seguindo o modelo praticado pela escola, esperando a aprovação institucional. A manifestação dos indícios que a individualizam como autora está praticamente bloqueada dentro do contexto escolar.”

O mesmo ocorre em (43) e (44), cujas sentenças fazem parte de um texto argumentativo, tendo como temática a epidemia da dengue. Provavelmente, R. leu alguns textos informativos acerca do assunto e recebeu o *input* da ênclise. Esse hábito de leitura de textos formais consiste, portanto, em um recurso viável e eficaz na aprendizagem da escrita.

Ouvindo histórias, a criança aprende pela experiência a satisfação que uma história provoca; aprende a estrutura da história, passando a ter consideração pela unidade e seqüência do texto; (...) e estruturas lingüísticas mais elaboradas, típicas da linguagem literária. (Simões, 2000, p.3)

Sendo texto oral ou escrito, o importante é fazer com que a criança tenha acesso à sua riqueza linguística, sem fazer interpretações, temendo não ser entendido, pois, segundo Simões (2000, p. 8) “Reduzir ou modificar o texto escrito, transformando-o em linguagem coloquial, priva a criança de experimentar e perceber auditivamente as características que a linguagem escrita carrega (que diferem da linguagem oral).”

Se compararmos o emprego da posição enclítica, usada em contexto escolar nos textos de R.F., ao emprego da próclise, presente em seus textos pessoais no diário, perceberemos que, na verdade, o seu parâmetro da ordem dos clíticos está marcado como (+) para a próclise e não para a ênclise. O diário trata-se de um texto que expressa a individualidade linguística do sujeito. Quando R. escreve sozinha, provavelmente, em seu quarto, externa suas emoções e sentimentos, sem se preocupar com dados sintáticos. Essa é a *língua I* de R., com seus princípios e parâmetros marcados, competindo com as variantes presentes na periferia, onde se situa a posição enclítica dos pronomes átonos no PB.

Os alunos da 4ª série, quando não empregam os clíticos, também fazem uso de algumas das estratégias já detectadas nas séries anteriores, mas em menor quantidade, já que possuem mais experiência com o input da escrita formal que os demais colegas mais jovens. Surgiram casos de objeto nulo, nas sentenças entre (49) e (53); de repetição de item lexical com função de pronome átono acusativo / dativo (54) a (56); e de pronome lexical com função de pronome átono acusativo (57) e (58).

49. ...se nós brigamos ainda temos chance de recuperar Ø.  
(R.F.)
50. “Certo dia, (...) mamãe coelhinha avisou a sua filha que ela deveria entregar os ovinhos, mas ela falou Ø: - não!.. (R.F.)
51. E a sua mãe falou Ø ...” (R.F.)
52. Gigilone pegou a roupa da dançarina e vestiu Ø. (I. S.)
53. Quando ele foi apresentar Ø... (I. S.)
54. ...me deu uma vontade de chupar **doce**, eu e Tate fomos na Kibon comprar **doce**. (R.F.)
55. Eu e Tate fomos pedir dinheiro à **meu tio**, eu confundi **meu tio** com um homem... (R.F.)

56. Chegou a hora (...) de Gigilone fazer as mágicas, ele foi fazer mágica do coelho. (I. S.)
57. Mas, cuidado pra não perder **ela**, pois a amizade é muito valiosa... (?? - 4ª série)
58. A sua mãe não aceitou **ela**, porque ela estava em forma de borboleta. (?? - 4ª série)

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar e escrever<sup>7</sup> no Brasil implica utilizar praticamente dois códigos linguísticos distintos, não apenas em se tratando das particularidades de ambas as gramáticas (cf. Fávero et. al, 2000). Assim, na escola, os pequenos aprendizes se veem diante de uma variante linguística que lhes é estranha, mas que precisa ser adquirida / aprendida a fim de que sejam inseridos em cultura privilegiada socialmente, tornando-se, então, bilíngues em seu próprio idioma.

A maior dificuldade dos pequenos aprendizes da língua escrita é que os parâmetros da língua oral que já dominam vêm sofrendo modificações em sua concepção. Enquanto a escola impõe como norma uma língua de sujeito nulo, com um modelo pronominal completo, concordância verbo-nominal redundante e ordem enclítica preferencial no uso dos clíticos, em contextos informais, aquela criança emprega sujeito preenchido, formas pronominais reduzidas - eu, você, a gente, ele(a), eles (as), me, mim, se, lhe, te-, concordância parcial - somente no primeiro item lexical “os bolo” -, e ordem proclítica em todos os contextos sintáticos (cf. Galves, 1993)

No processo do letramento, a escola procura recuperar as perdas linguísticas, uma vez que as inovações são apropriadas para a fala, mas não para a escrita. Percebemos que, no decorrer das séries, à medida que as crianças vão aprimorando seu contato com a leitura de textos formais, as suas produções individuais vão tomando uma nova forma. Os recursos de desvios dos clíticos - função sintática ainda não dominada - vão dimi-

7 Ao falar em escrita, remeto à língua escrita padrão da língua portuguesa, cujas normas são mais rígidas e conservadoras, a qual rejeita todas as inovações linguísticas criadas pelos falantes.

nuindo, e o emprego desses pronomes em suas colocações consoante com a gramática da escrita vai aumentando, gradativamente. Mas, em contexto informais, quando a sua língua materna flui, é o objeto nulo e o pronome lexical que dominam os textos orais, e quando há clíticos é a próclise que prevalece.

Uma coisa é certa, porém: quando vai para a escola, a criança já percorreu um longo caminho elaborando sua linguagem, inserindo-se na língua de sua comunidade. Lingüisticamente, a criança não é uma tabula rasa. Ela é perfeitamente proficiente em sua língua materna e continua a aprender outras formas pertencentes a outras modalidades da fala / linguagem, dentro e fora da escola. Isto é, a operar com objetos lingüísticos. Assim a escola vai lhe proporcionar o acesso a outras gramáticas pertencentes a modalidades escritas. (Scarpa, 2001 p. 229)

## 5 REFERÊNCIAS

ABAURRE, Maria Bernardete. Os estudos lingüísticos e a aquisição da escrita. *Anais do II Encontro Nacional sobre Aquisição da Linguagem*. Porto Alegre: PUCRS, 1991. p. 5 - 49

BARROS, Maria Lygia de Camargo. História de um percurso de aquisição da língua escrita. In: ABAURRE, M.B.M.; MAYRINK-SABINSON, M. L. T.; FIAD, R.S. (orgs.) *Estilo e gênero na aquisição da escrita*. Campinas, SP: Komedi, 2003.

CYRINO, Sonia Maria Lazzarini. Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In: In: ROBERTS, Ian e KATO, Mary (Orgs) *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993 , p.163 - 184.

FERREIRA, Mauro. *Aprender e praticar gramática*. São Paulo: FTD, 2003. p. 602-609.

GALVES, Charlotte. *A língua das caravelas: Periodização do Português europeu e origem do Português brasileiro*. 2007. (mimeo).

GALVES, C. M. C. O Enfraquecimento da Concordância no Português Brasileiro In: ROBERTS, Ian e KATO, Mary (Orgs) *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993, p. 387-403.

INFANTE, Ulisses. *Curso de gramática aplicada aos textos*. São Paulo: Scipione, 2001. p. 591-592 .

KATO, Mary. *A gramática do letrado*. ms. UNICAMP. 2004 (mimeo)

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O português arcaico: morfologia e sintaxe* (Repensando a Língua Portuguesa). 2. ed. – São Paulo: Contexto, 2001.

MORAIS, M. Aparecida T. e RIBEIRO, Ilza. *Contraste da Sintaxe dos clíticos no Português Europeu e Português Brasileiro*. Linha D´Água . 2005. (mimeo).

PAGOTTO, Emílio G. Clíticos, mudança e seleção natural. In: ROBERTS, Ian e KATO, Mary (Orgs) *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993. P. 185-206.

PAGOTTO, Emílio G; DUARTE, M. Eugênia L. Gênero e norma; avós e netos, clíticos no final do séc. XIX. *Comunicação apresentada no VI Seminário do PHPB*, 2004. (mimeo)

PEREIRA, Helena Bonito e PELACHIN, Márcia Maisa. *Na trama do texto: Língua Portuguesa*. São Paulo: FTD, 2004 (Coleção Delta). p. 402-406.

SCARPA, Ester Mirian. Aquisição da linguagem. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Cristina. *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001. v.2.p. 203 – 232.

SIMÕES. Vera Lúcia Blanc. *Histórias infantis e aquisição da escrita*. São Paulo Perspec. vol.14 no.1 São Paulo Jan./Mar. 2000. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/240972818\\_Historias\\_infantis\\_e\\_aquisicao\\_de\\_escrita/fulltext/039f1c2c0cf2e77d0c927f73/Historias-infantis-e-aquisicao-de-escrita.pdf?\\_tp=eyJjb250ZXh0Ijp7ImZpcnN0UGFnZSI6InB1YmxpY2F0aW9uliwicGFnZSI6InB1YmxpY2F0aW9uIn19&\\_\\_cf\\_chl\\_tk=mPeldDlybTXFAYHU59eZzRZs9DASB7XF29CfXqHSzZc-1758042609-1.0.1.1-gyTWZTgsCp8pJqy3j7BIPkjtFjUJYAILEcfgPA-WRodk](https://www.researchgate.net/publication/240972818_Historias_infantis_e_aquisicao_de_escrita/fulltext/039f1c2c0cf2e77d0c927f73/Historias-infantis-e-aquisicao-de-escrita.pdf?_tp=eyJjb250ZXh0Ijp7ImZpcnN0UGFnZSI6InB1YmxpY2F0aW9uliwicGFnZSI6InB1YmxpY2F0aW9uIn19&__cf_chl_tk=mPeldDlybTXFAYHU59eZzRZs9DASB7XF29CfXqHSzZc-1758042609-1.0.1.1-gyTWZTgsCp8pJqy3j7BIPkjtFjUJYAILEcfgPA-WRodk) . Acessado em: 01/04/2025

VIEIRA, Sílvia R. Colocação Pronominal. In: VIEIRA, Sílvia R. e BRANDÃO, Sílvia F. (orgs.). *Ensino de Gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 121-146.